



## Carta do Gestor – Julho 2025

Prezado Investidor,

O 3R Genus Hedge FIM (GH) rendeu +0,73% (57,46% do CDI) em julho. No ano acumulou rentabilidade de 6,59% (84,90% do CDI).

Julho foi outro mês positivo para os ativos de risco nos países desenvolvidos (S&P +2,17%, Nasdaq 100 +3,70%, DAX +0,65% e EEM +0,66%). Dados de inflação ao consumidor bem comportados nos EUA e que parecem provar a visão de que as tarifas não serão inflacionárias, resultado sólido das grandes empresas de tecnologia e dados de emprego mais fraco nos EUA que reforçaram a expectativa de queda de juros impulsionaram um sentimento positivo entre investidores.

No mês o Ibovespa acabou indo na contramão do movimento global em função de preocupações do impacto das tarifas impostas ao Brasil e principalmente da leitura majoritária entre os investidores que estas tarifas deram fôlego político ao Lula e foram ruins para potenciais candidatos de oposição (IBOV -4,17% e SMALL -6,36%).

Nas *commodities* tivemos o petróleo com forte alta +7,28% (*Brent*) e o minério de ferro também subindo +4,92%.

Fundo	% Mês	% Ano	% 12 meses	% Início	Volatilidade (desde início)	PL (R\$)
<b>GENUS HEDGE</b>	0,73%	6,59%	9,46%	115,69%	2,05%	30,29 MM
%CDI	57,46%	84,90%	75,17%	141,46%		
CDI	1,28%	7,77%	12,58%	81,78%		

Ref:31/07/2025

### ***Cenário Macro Global***

Os dados de atividade nos EUA continuaram a mostrar os sinais de desaceleração moderada e inflação vindo em linha com o projetado de maneira geral.

Já os dados de emprego foram bem mais fracos, inclusive com uma significativa revisão dos dados dos últimos meses. Com isto o mercado passou a precificar uma maior queda de juros já em 2025, e a curva futura dos *treasuries* fechou o mês em queda.

Na China os dados continuam a mostrar as dificuldades estruturais da economia por lá, o que não deve mudar muito em um horizonte de tempo visível.



### ***Cenário Macro Brasil***

Aqui as evidências de uma desaceleração da atividade continuam a crescer. No varejo e na indústria a piora é relativamente clara, ficando só o setor de serviços ainda de alguma maneira resiliente, apesar de também já mostrar uma desaceleração.

O mês também foi marcado por toda a novela das tarifas impostas pelo EUA ao Brasil, que no final tiveram algumas poucas exceções, são altas e abrangentes na prática e vão afetar atividade.

O mercado de crédito também já mostra sinais de piora, com inadimplência subindo, mesmo que lentamente, e oferta menor por parte de bancos.

### ***Visão de Mercado***

A economia americana na superfície continua a dar sinais de um *soft-landing*. Os dados de emprego foram bem piores, mas investidores preferiram a leitura “copo meio cheio” de que juros vão cair antes e mais do que se esperava. Os dados de inflação ao consumidor até agora não dão motivo de preocupação com o efeito das tarifas. E pouco se fala ou se dá de relevância a questão fiscal e/ou mercado de crédito de maneira geral.

Neste contexto, e com resultado das grandes empresas de tecnologia ainda bem positivos, o preço dos ativos de risco continuou a subir no mundo desenvolvido de maneira geral.

O contexto global que até agora parecia bem favorável ao Brasil de alguma maneira mudou. Primeiro, a narrativa do “excepcionalismo americano” voltou a estar presente e no cenário de ao menos parcela dos investidores. Segundo, as tarifas impostas ao Brasil pelo EUA, além da preocupação de curto e médio prazo sobre a atividade econômica, talvez tenham levado a uma cautela mais estrutural considerando o risco de um possível isolamento maior do país e/ou radicalização “à esquerda” por parte do poder executivo com ajuda/anuência do judiciário.

Investidores locais interpretaram o evento das tarifas de maneira negativa para ativos de risco, considerando o impacto positivo politicamente para Lula. O resultado das empresas foi descida na parte operacional, mas impactado pelos juros altos na despesa financeira.

A desaceleração econômica já é clara, e junto com dados de inflação benigno abriu espaço para a antecipação do início da queda de juros.

Em resumo, tivemos fatos novos positivos e outros negativos para os ativos de risco neste período. Mas acima de tudo, o nível de incerteza nos parece claramente maior hoje. Tanto poder executivo quanto o judiciário parecem “radicalizar” em suas apostas, e o risco de algo sair do controle e ter impacto mais agudo em preço de ativos não pode ser ignorado, mesmo que não seja o cenário mais provável.

Na nossa leitura o fôlego de Lula com as tarifas é de curto prazo, e as dificuldades estruturais continuam as mesmas. A preocupação é só com a possível radicalização, e impacto disto na percepção do investidor estrangeiro por exemplo, que é quem tem determinado o preço dos ativos de risco até agora.



## 3R Genus Hedge FIM

**Mantemos uma postura bem cautelosa na gestão do 3R Genus Hedge FIM, nos parece um caminho ainda bem arriscado e num produto com benchmark CDI, nos parece a postura mais adequada. No 3R Radix FIA, nosso *long-only*, cujo mandato é estar comprado em bons cases de investimento com foco em valor no longo prazo, nada muda.**

Atenciosamente,

Equipe 3R Investimentos



As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos - FGC. É recomendada a leitura cuidadosa da lâmina de informações essenciais, se houver, e o regulamento antes do investidor aplicar seus recursos. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos e de eventual taxa de saída. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos atuam e, conseqüentemente, possíveis variações no patrimônio investido. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Para avaliação da performance de qualquer fundo de investimento, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura.